



ANTÓNIO COTA FEVEREIRO

LUIZ FERREIRA DAS TABOLETAS: DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA BIOGRAFIA

A vida e obra do pintor Luís António Ferreira da Silva, mais conhecido na sua época como Luiz Ferreira das Taboletas, foram sistematizadas em 1993 numa obra fundamental da autoria de Teresa Saporiti que, desde logo, chamava a atenção para a necessidade de se confirmarem alguns dos dados então veiculados. O presente trabalho vem agora clarificar estes aspectos, concluindo, após comprovação documental, que se confundiram dois indivíduos distintos como sendo uma e a mesma pessoa. Mais do que isso, a investigação efectuada nos últimos anos, quer nos registos paroquiais, quer em outras fontes documentais que fundamentam este texto, permitiu esclarecer a identidade do artista, que permanecia incógnita, permitindo propor uma nova biografia do mais marcante pintor de azulejaria oitocentista português.

Luiz Ferreira das Taboletas: deconstruction and construction of a biography

The life and work of the painter Luís António Ferreira da Silva, known in his time as Luiz Ferreira das Taboletas, were systematized in 1993 in a fundamental text by Teresa Saporiti. However, the author drew our attention to the need to confirm some of the information then presented. This work now clarifies these aspects, concluding, after documentary evidence, that two distinct individuals were mistaken as being one and the same person. More than that, the research carried out in recent years, both in parish registers and in other documentary sources that support this text, allowed us to clarify the identity of the artist, who remained unknown until now, allowing us to propose a new biography of the most striking Portuguese nineteenth century azulejo (tile) painter.



FIG. 1V. Setúbal, Casa Fialho, actual Loja Fétal, Luís António Ferreira, vista geral. Fotografia de Francisco Queiroz/IPC, 2008

Do pintor conhecido como *Luiz Ferreira das Taboetas* identifica-ram-se, até hoje, dois revestimentos azulejares assinados. Um deles, situado no jardim do Palácio Trindade, em Lisboa, onde se conserva atualmente, contém apenas parte da assinatura, res- tricta à abreviatura do apelido – *Ferreira*. O outro, que se con- serva também *in situ*, encontra-se na fachada da loja *Fétal*, em Setúbal, sendo visível o nome completo – *Luís António Ferreira* – a par do local de produção dos azulejos, a *Fabrica da Calçada do Monte*. FIG.1 e 2

São poucos os dados que se encontram sobre esta figura, que parece ter-se celebrado pela pintura de tabuletas, como os relatos dos seus contemporâneos deixam adivinhar: “(...) muito conhecido pela originalidade dos seus trabalhos de pintura em taboetas, d’onde lhe vinha o cognome do Luiz das taboetas¹, ou o Luiz doido, graças á prodigalidade do seu viver accidentado, lem- brou-se já aos 70 annos² de fazer resuscitar a pintura em azulejo. Tinha Luiz Ferreira um amigo, Garcia se chamava elle e era pro- prietario da cervejaria da Trindade, a quem communicou os seus intentos conseguindo d’elle auctorisação para lhe pintar os azu- lejos que hoje decoram as paredes da dita cervejaria e que, diga-se de passagem, alguma coisa de novidade apresentam pelas varian- tes de côres que Ferreira soube obter. Mais alguns trabalhos d’esto genero produziu este artista, como os azulejos que revestiam a fachada d’um predio no Largo da Abegoaria e em que se notava novidade nas côres: porém, já velho, a morte arrebatou-o, mor- rendo com elle o processo pelo qual conseguiu melhoral-nos”³.

Referido pontualmente na historiografia, Ferreira das Tabuletas só viria a ser objecto de um estudo monográfico já na década de 1990, pela mão de Teresa Saporiti⁴. A autora reuniu a obra assinada pelo pintor e a que lhe é atribuída, ordenada cronologicamente e com informações relevantes para cada uma. Neste texto, que continua até hoje a ser o mais importante sobre o pintor, Saporiti apresen- tou, ainda que com reservas, dados de pelo menos dois indivíduos, que julgou serem uma e a mesma pessoa – Luís Ferreira da Cunha e Luís António Ferreira Rebelo. A presente investigação vem agora demonstrar que nenhum dos Luís Ferreira anteriormente mencio- nados corresponde ao *pintor* Luís António Ferreira, que se docu- menta activo em Lisboa entre 1827 e 1873. O trabalho realizado permite ainda traçar não apenas a sua árvore genealógica, como identificar as várias moradas onde habitou na cidade, terminando com uma breve caracterização da sua obra em azulejo.



FIG. 2V. Setúbal, Casa Fialho, actual Loja Fétal, Luís António Ferreira, pormenor da assinatura. Fotografia de Francisco Queiroz/IPC, 2008

A DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA BIOGRAFIA

O primeiro indivíduo referido por Teresa Saporiti é Luís Ferreira da Cunha. De acordo com a autora, este nasceu a 25 de Janeiro de 1807, na freguesia de São Mamede da cidade de Lisboa, onde foi batizado a 8 de Fevereiro do mesmo ano. Era filho legítimo de Matias Ferreira da Cunha e de Cândida Luísa do Carmo, esta última tendo falecido na mesma fre- guesia a 7 de Novembro de 1828. Através da consulta da documentação relativa à *Real Fabrica de Louça ao Rato* e manufacturas anexas, percebe-se que este Luís Ferreira da Cunha foi matriculado no curso de aprendiz na fábrica das sedas a 29 de Abril de 1822⁵, mas não concluiu o mesmo⁶. A confusão em rela- ção à Fábrica do Rato é, todavia, anterior e, na sua obra, *Cerâmica Portuguesa*, José Queirós afirma que Luís Ferreira, assim como António Manuel de Jesus, foram aprendizes da *Fabrica da Louça*⁷. No entanto, na documentação subsistente só o pai deste último é indicado nas matrículas⁸.

O segundo nome mencionado por Teresa Saporiti é o de Luís António Ferreira Rebelo, nascido por volta de 1789 em São Salvador de Celeirós, arcebis- pado de Braga, filho natural de Maria Clara. Casou na freguesia de São Miguel, concelho de Aveiro, a 16 de Agosto de 1816, com Luísa Eufrásia⁹, quando era morador em Aveiro e sargento do batalhão n.º 10. Depois de viúvo voltou a casar, em Ílhavo (fre- guesia de São Salvador), com Mariana Rita de Jesus Vidal da Silveira¹⁰, no dia 13 de Abril de 1831. Nesta época era assistente naquela cidade e, mais tarde, foi escrivão da Fazenda do concelho. Morreu a 15 de Janeiro de 1853, numa casa da Rua Nova, em Ílhavo, com sessenta e quatro anos de idade. O assento de óbito diz-nos que já se encontrava enfermo e tísico.

A disparidade de apelidos, e os percursos de vida associados, quer no que diz respeito à diversidade das actividades praticadas, quer ainda na disper- são geográfica, são por demais evidentes, lançando desde logo a dúvida, como Teresa Saporiti também reconheceu, sobre a coincidência destes nomes com a figura do pintor Ferreira das Tabuletas. Este

¹ A consulta de vários dicionários da época per- mite concluir que a palavra tabuleta significa peça plana de madeira, de vidro, de metal ou de outra substância, pendurada na porta ou fron- taria de um estabelecimento, de uma reparti- ção, de um consultório, de um escritório ou de qualquer construção, a indicar o que se vende ou anuncia. Também pode designar um sinal, um anúncio, um aviso ou letreiro onde se indica o destino dos veículos de transporte colectivo. ² Note-se a incongruência da informação, pois sabe-se hoje, como veremos, que o pintor mor- reu com sessenta e sete anos de idade.

³ PEREIRA, Gabriel – De Bemfica Quinta do Correio Mór. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa: Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. 4.ª Série, Tomo X, 7 (1905), p. 367.

⁴ SAPORITI, Teresa – *Azulejaria de Luis Ferreira, o “Ferreira das tabuletas”, um pintor de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1993, pp. 225-231.

⁵ Curso esse que teve início no dia 1 de Março de 1822.

⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.). Junta do Comércio, *Livro de matrícula dos apren- dizes fabricantes de seda da corporação do largo de lavor da Real Fábrica das Sedas e outras fábricas que lhe são anexas* – 1.º, Livro 514, fl. 77v.

⁷ QUEIRÓS, José – *Ceramica portuguesa*. Lisboa: Typographia do Anuario Commercial, 1907, p. 243.

⁸ FEVEREIRO, António Cota – *A Arte Nova em Lisboa. Cadernos do Arquivo Municipal: Lisboa e as Artes Decorativas: Obras, Artistas, Projetos*. 7 (2017), p. 245. Note-se que a *Real Fabrica das Sedas* tinha um maior número de entrada de aprendizes que as restantes, nomeadamente a de *Louça*. Cf. A.N.T.T., Junta do Comércio, *Livro de matrícula dos oficiais fabricantes de seda da corporação do largo de lavor da Real Fábrica e dos oficiais das outras fabri- cas que lhe são anexas e suas dependentes*, Livro 510; A.N.T.T., Junta do Comércio, *Livro de matri- cula dos aprendizes fabricantes de seda da corporação do largo de lavor da Real Fábrica das Sedas e outras fábricas que lhe são anexas* – 1.º, Livro 514.

⁹ Filha de Manuel dos Santos e de Ana de Jesus. Teresa Saporiti refere que a primeira mulher chamava-se Antónia e era filha de João Luís Ferreira Félix. SAPORITI – *Azulejaria de Luis Ferreira*, p. 227.

facto, e o interesse em torno do artista, levaram-nos a iniciar uma investigação mais aprofundada, cujos primeiros passos foram no sentido de localizar o óbito do pintor. Após uma pesquisa exaustiva nos livros de assentos paroquiais da cidade de Lisboa, de Sintra, de Cascais e de Oeiras, num período crono- lógico que se situa entre 1840 e 1907, encontrámos um Luís António Ferreira da Silva, referido como *Pintor*, com letra maiúscula, que era casado e tinha filhos¹¹. Os restantes indivíduos localizados, cerca de quinze, com os mesmos nomes e apelido, que moraram em Lisboa e arredores, tinham outras pro- fissões que não a de pintor.

A partir daí foi possível traçar uma breve biografia deste Luís António Ferreira, nascido em Lisboa, na freguesia de Santa Engrácia, a 3 de Junho de 1806 e batizado a 15 do mesmo mês. Casou com Maria Carlota do Pilar Reboredo a 5 de Novembro de 1827¹², na freguesia dos Anjos, de quem teve quinze filhos (ver anexo 1). Veio a falecer em Lisboa, na sua casa da Rua da Boavista, n. 20, 1º andar, na freguesia de São Paulo, à 1h30 do dia 28 de Abril de 1873. Tinha então sessenta e sete anos de idade¹³.

Observando a documentação, percebe-se que a escolha dos padrinhos para os seus filhos foi social- mente diversificada, o que demonstra os contac- tos, amizade e trabalho que esta família manti- nha. Encontramos, assim, trabalhadores, o pintor Domingos António Mateus, o carpinteiro José da Costa, o Conde das Galveias e João Germano Solezio, cujo apelido é o mesmo que João António Solezio, um dos aprendizes da *Real Fabrica de Louça ao Rato*¹⁴. Outro facto interessante é o padrinho de casa- mento do filho Carlos ser tio dos escultores José

Simões de Almeida Júnior, e este ter sido, posterior- mente, padrinho do filho Carlos, e de José Simões de Almeida Sobrinho.

Vivendo em Lisboa, Luís António Ferreira mudou várias vezes de morada, mas sempre numa área geográfica próxima da *Fabrica da Calçada do Monte*, referida junto à sua assinatura em Setúbal e onde, ou com a qual, terá trabalhado. Assim, em 1827 vivia na freguesia dos Anjos¹⁵. Nos anos seguin- tes, entre 1828 a 1830, mudou para a freguesia do Socorro, habitando na Rua da Carreirinha, hoje dos Lagares, que cruza com a Calçada do Monte, onde se situava a mencionada fábrica. Entre 1831 a 1833 alterou novamente a sua residência, desta vez para a freguesia da Pena, na Calçada de Santa Ana e, entre 1834 a 1838, segundo o rol de confessados da freguesia de São José, a sua morada situava-se na Rua Direita n.º 110, 1º andar. Regressa à freguesia da Pena entre 1839 a 1847, onde se conhecem pelo menos três moradas – na Rua de Santo António dos Capuchos, n.º 73 e, em Setembro de 1843, no n.º 17; na Travessa Nova do Desterro, em 1845; e no Campo de Santana, em 1846. Em Agosto de 1848 habita na freguesia do Coração de Jesus, mas regressa à fre- guesia de São José, onde se mantém até Novembro desse ano na Rua de São José, n.º 117, 1º andar, e na Rua Direita, n.º 105, 1º andar, para onde se mudou no final do ano de 1848 e é possível ter permane- cido até 1852. A partir do ano seguinte e até 1867 não se conhece a sua morada, sabendo-se, todavia, que entre 1868 a 1869 habitava na Rua dos Cordoeiros, n.º 50, 2º andar, freguesia de Santa Catarina e, entre 1870 a 1873, na Rua da Boa Vista, n.º 20, 1º andar da freguesia de São Paulo.

¹⁰ Filha legítima do Monteiro Mór João José Ribeiro e de Maria Clara da Assunção Vidal da Silveira. Teresa Saporiti refere que os pais se chamavam Francisco José Ribeiro e Ana Clara, remetendo para uma separata da autoria de Marques Gomes e publicada no número 6835, no dia 10 de março 1923, do periódico *Campeão de Provincias*. Tivemos acesso a este número, assim como aos anteriores e pos- teriores, mas não conseguimos identificar a referida separata.

¹¹ Efectivamente o autor mencionado tem um artigo, mas onde não escreveu nada sobre os indivíduos em questão, ver GOMES, Marques – Homens e datas – Paisagens e monumentos – Jornais e livros (Bibliografia) – Documentos – Notícias de Aveiro e seu dis- tricto. *Campeão de Provincias*. 6835 (10 de Março 1923), p. 4.

¹² No assento de óbito registado no respetivo assento. Cf. A.N.T.T., Arquivo Distrital de Lisboa, Paróquia de São Paulo, 1720-1911, Lv. O7 – cx. 28, fl. 155v-156. No assento de casamento o nome com- pleto é Luís António Ferreira da Silva, ainda que, posteriormente, seja sempre citado como Luís António Ferreira ou Luís Ferreira. Na restante documentação por nós identificada é mencionada a pro- fissão de *Pintor*.

¹³ Foi padrinho o pintor Domingos António Mateus, casado, mora- dor na freguesia da Encarnação e proprietário de uma *Fabrica de pintura* no pátio do Patriarca a São Roque. A fábrica, de carruagens, instalou-se na sala do *Theatro do Bairro Alto*, depois de este ter sido desmontado. Domingos António Mateus nasceu na freguesia de São Mamede, cidade de Lisboa, a 30 de Julho de 1783 e morreu na da Encarnação a 24 de Maio de 1853, era filho de Francisco António Mateus e de Joana Inácia de Jesus. Casou na de São Mamede a 21 de Maio de 1805 com Francisca Maria Xavier, filha de Bernardo José Pereira da Cunha e de Luísa Teresa, de quem teve filhos. Foi mora- dor na Rua Larga de São Roque e na Travessa da Água Flor quando morreu. Cf. GAZETA DE LISBOA – Annuncios. *Gazeta de Lisboa*. 288 (5 de Dezembro de 1827), p. 1466; CASTRO IRMÃO & C.ª – Largo de S. Roque. *Gazeta de Lisboa*. 7.º Ano, 48 (1864), p. 384; LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Volume IV, 1874, p. 197.

¹⁴ A data de nascimento, de casamento, de óbito e o nome com- pleto de Luís António Ferreira da Silva foram já publicados em 2017, resultando o presente texto num aprofundamento da inves- tigação em torno da sua vida. Cf. FEVEREIRO – *A Arte Nova em Lisboa*, p. 230.

¹⁵ Filho de Lourenço Solezio e de Isabel da Costa e foi batizado na Igreja do Loreto de Lisboa. Entrou como pintor de louça, com a idade de 14 anos, no dia 7 de Maio de 1796, matriculado a 20 do referido mês e não terminou o curso de cinco anos. A.N.T.T., Junta do Comércio, *Livro de matrícula dos aprendizes fabricantes de seda da corporação do largo de lavor da Real Fábrica das Sedas e outras fábricas que lhe são anexas* – 1.º, Livro 514, fl. 23.

¹⁶ A referência à freguesia dos Anjos é mencionada no assento de casamento. Cf. A.A.T.T., Paróquia de Anjos, 1589-1911, Lv. C12 – cx. 29, fl. 42v. Os restantes dados foram localizados nos assentos paroquiais e rol de confessados (ver anexo 1).



FIG. 3V. Edifício Manuel Moreira Garcia na Rua da Trindade, vista geral. Fotografia do autor, 2015



FIG. 4V. Edifício no Campo de Santa Clara, vista geral. Fotografia do autor, 2017

EXEMPLARES ASSINADOS E ATRIBUÍDOS

Activo no segundo e terceiro quartéis do século XIX, numa época em que a produção de azulejos de padrão era dominante, Luís António Ferreira destacou-se pela criação de revestimentos concebidos para edifícios específicos. A biografia artística do pintor e a análise das duas obras assinadas que se conhecem, a par das outras que lhe são atribuídas não cabe nas páginas de um artigo, razão pela qual optamos apenas por destacar os conjuntos comprovadamente pintados por Luís António Ferreira, elencando depois os diferentes exemplares atribuídos.

Um dos mais importantes revestimentos em azulejo em que se identifica a participação de Luís Ferreira é o da *Cervejaria Trindade*¹⁶, em Lisboa, fundada por Manuel Moreira Garcia¹⁷. Este negociante, de origem galega, adquiriu parte do extinto Convento da Trindade, incluindo o refeitório, que foi remodelado no início da década de 1860¹⁸. Para este espaço, Luís Ferreira terá realizado um revestimento azulejar com ornatos, representações naturalistas e de animais, onde incluiu figuras alegóricas, as quatro estações e muitos outros elementos decorativos¹⁹. Neste conjunto é notória a influência da azulejaria setecentista portuguesa, nomeadamente na articulação do revestimento com a arquitectura e no recurso a temas alegóricos e da cultura clássica²⁰. Além desta encomenda, o pintor executou ainda várias composições em azulejo para o jardim da residência do

mesmo proprietário²¹, um dos quais assinado por si – *Fr.^a Pintou* – e outro com a única representação oitocentista, conhecida até agora, de um candeeiro com globo sobre uma mesa²².

Manuel Moreira Garcia mandou ainda construir um outro edifício, entre 1858 a 1864²³, entre dois já existentes, na Rua da Trindade n.º 30²⁴, que apresenta um traçado arquitectónico com claras influências da arquitectura dita pombalina²⁵. A fachada principal foi revestida a azulejo, criando o pintor uma composição específica marcada por figuras mitológicas de simbologia maçónica envoltas por ornatos. FIG. 3 Neste trabalho, de grande efeito decorativo, identificam-se referências estéticas do barroco, do classicismo e de trabalho em estuque. Mas é sobretudo a mensagem subjacente que torna esta azulejaria tão singular, designadamente a simbologia maçónica; a alusão à terra e à água, das quais vem a cerveja; e a afirmação social através da desconstrução do brasão de armas da família Garcia²⁶: o leão ou leopardo, conjugado com a estrela de seis pontas e encimado por uma falsa coroa de conde, mesclou-se num fantástico brasão heráldico²⁷.

O mesmo sentido decorativo foi seguido na fachada do edifício no Largo de Santa Clara n.º 124–126, obra que lhe é atribuída²⁸. FIG. 4 Esta habitação, cujo traçado arquetónico apresenta um carácter erudito,

¹⁶ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 83–109.
¹⁷ Manuel Moreira Garcia nasceu em São Sebastião de Covelo, Galiza, por volta de 1800, filho de Francisco Moreira e de Francisca Garcia, e morreu em Lisboa, na freguesia do Sacramento, a 8 de Abril de 1868 na Rua Nova da Trindade n.º 14, 1.º andar (Teresa Saporiti situa o seu falecimento em 1876, o que não corresponde à realidade). Não deixou filhos e era casado com Mariana Severa, cujo matrimónio foi celebrado na mesma freguesia a 14 de Julho de 1831. Mariana Severa nasceu 28 de Outubro de 1796 em Santiago, Sesimbra, e morreu na freguesia do Sacramento a 2 de Março de 1889, na Rua Nova da Trindade n.º 74, 1.º andar, sendo filha de António dos Santos Pinto e de Mariana Josefa. Cf. PORTUGAL, M. A. F. – *Almanak estatístico de Lisboa em 1848*. Lisboa: Typographia do Grátis, Calçada dos Barbadinhos (a Santa Apolónia), 1848, p. 114; SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, p. 69.
¹⁸ SILVA, Raquel Henriques da – *Lisboa Romântica: Urbanismo e Arquitectura, 1777–1874*. Lisboa: [s.n.], 1997, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 2 Vols, p. 368.
¹⁹ QUEIROZ, José Francisco Ferreira – Cervejaria Trindade / Trindade brewery. In CARVALHO, Rosário Salema, coord.; SILVA, Libório Manuel, fotografia – *Azulejos à Mesa / Azulejos in Restaurants*, Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, 2017, pp. 86–91; MECO, José – *Azulejos de Lisboa: exposição*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1984, p. 70.
²⁰ ARRUDA, Luísa d’Orey Capucho – Azulejaria nos séculos XIX e XX. In PEREIRA, Paulo, dir. – *História da Arte Portuguesa*. 3.º Volume. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, p. 412.
²¹ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 61–81.
²² O painel pertence à coleção Manuel Leitão. Trata-se de um grupo de homens reunidos em torno de uma mesa com o referido candeeiro ao centro. SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, p. 79.
²³ No *Atlas da Carta Topographica de Lisboa*, realizado entre 1856 e 1858 sob a direcção do conselheiro e brigadeiro Filipe Folque, na planta número 43, datada de Outubro de 1858, este edifício não existia.
²⁴ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 113–119. Trata-se do mesmo edifício referido por José Queirós no Largo da Abegoria, hoje Rafael Bordalo Pinheiro. Cf. QUEIRÓS – *Cerâmica portuguesa*, p. 243.
²⁵ SILVA – *Lisboa Romântica*, pp. 510–511.



FIG. 7) Lisboa, Largo do Intendente, edifício da loja da Fabrica de Loiça de Antonio da Costa Lamego, hoje Viúva Lamego, pormenor dos azulejos da fachada com a representação de uma laranjeira, macaco e vasos em cerâmica. Fotografia do autor, 2018

exibe no primeiro piso, em azulejo, a simulação de um aparelho regular de pedra. No segundo e terceiro pisos o pintor criou uma composição simétrica e compartimentada, directamente articulada com a arquitectura, criando reservas policromas que encerram perfis humanos ao gosto clássico. Neste conjunto percebe-se uma eficácia na conjugação cromática e na escala dos ornatos, que se harmonizam com os elementos arquitectónicos. Num sentido geral observa-se também a influência de trabalhos em estuque e em escaiola, perfeitamente transpostos para a azulejaria.

Na cidade de Setúbal as fachadas exteriores da antiga *Casa Fialho*, hoje *Fétal*, foram totalmente revestidas a azulejo, sendo esta a única obra que contém a referência à *Fabrica da Calçada do Monte* e a assinatura do pintor até agora identificada²⁹. FIG. 1 e 2 Esta loja dedicava-se ao comércio de tecidos, em variados materiais, e ao *sortimento de bijoteries e fato feito*. Para captar a atenção do cliente o pintor apostou nas superfícies brancas e nas reservas como forma de realçar os ornatos e as figuras alegóricas/mitológicas³⁰. Uma representa a *Industria*³¹ e a outra o *Commercio*³², FIG. 5 as quais estão pousadas nos produtos comercializados e em alusões simbólicas. Deste modo estabelece-se um eficaz diálogo com o comprador, convidando-o a entrar e a consumir os artigos.

A mesma eficácia neste tipo de diálogo foi seguida na fachada da loja da *Fabrica de Loiça de Antonio da Costa Lamego*, hoje *Viúva Lamego*, no Largo do Intendente em Lisboa³³, que também tem vindo a ser atribuída a Luís António Ferreira. FIG. 6 Trata-se de um edifício de desenho arquitectónico simples e encimado por um frontão na fachada principal³⁴. Esta, foi revestida a azulejo e, no rés-do-chão, o pintor utilizou o mesmo tipo de reservas anteriores e as mesmas figuras alegóricas/mitológicas, mas incluiu duas outras de chineses, cada um com a sua cartela. A primeira tem escrito *Fabrica de Loiça de Antonio da Costa Lamego* (ver anexo 2) e a segunda *Fundada em 1849*. Este piso contrasta com o segundo, ao qual corresponde uma platibanda fingida, onde estão pousados quatro vasos ao gosto oriental e um macaco com

uma laranja. FIG. 7 Em segundo plano é visível um pássaro acorrentado a uma gaiola, uma laranjeira, um limoeiro, árvores, arbustos e pássaros a esvoaçarem. A transição para o piso da cobertura faz-se através de um motivo padronizado ao gosto clássico e, no frontão, o óculo é envolto por uma cercadura e ladeado por dois anjos, que seguram uma faixa com a informação: *Anno 1865*.

O mesmo recurso às figuras a simbolizarem a *Industria* e o *Commercio* foi utilizado nos painéis exteriores da *Barateira*, na Rua Capelo e Ivens n.º 47 em Santarém, outra obra que lhe é atribuída³⁵. Na *Pharmacia de Leonardo da Guarda e Paiva*, no Largo da Sé em Leiria, o pintor terá ainda realizado uma composição de gosto clássico, onde incluiu representações figurativas alegóricas³⁶.

As estilizações clássicas e figuras mitológicas, conjugadas com o gosto pela natureza³⁷ e pelo exotismo³⁸, foram ainda pintadas em azulejo para habitações particulares, em obras atribuídas a Ferreira das Tabuletas, de que são exemplo uma fachada parcialmente revestida no Palácio da Carreira, em Santiago do Cacém³⁹, e os painéis na Casa do Chão Verde, na freguesia de Rio Tinto⁴⁰. Um dos melhores exemplos deste tipo de conjugação é o jardim da habitação de Gregório da Silva Rego, armador e comerciante com o Brasil, na Rua de São Mamede n.º 13 em Lisboa, e que mais tarde passou para o seu sobrinho, José Maria da Silva Rego. No jardim, um espaço relativamente pequeno e cercado por muros, o pintor terá realizado em azulejo representações de flores, trepadeiras, plantas, treliça de canas, figuras mitológicas e um pavão. Desta forma, contornou a exiguidade do espaço, simulando profundidade e



FIG. 5) Setúbal, Casa Fialho, actual Loja Fétal, Luís António Ferreira, figura alegórica do Commercio. Fotografia do autor, 2011



FIG. 6) Lisboa, Largo do Intendente, edifício da loja da Fabrica de Loiça de Antonio da Costa Lamego, hoje Viúva Lamego, vista geral. Fotografia do autor, 2015

²⁶ A origem do apelido Garcia ou García é patronímico, existindo muitas famílias que o adoptaram, sem estarem ligadas entre si. O brasão é de prata com três leopardos (com juba e que se assemelham com leões) de vermelho, armados e lampassados de azul, uns sobre os outros. O mesmo leopardo é usado como timbre. ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins; FÁRIA, António Machado de; FONSECA, João de Sousa – *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961, p. 244.

²⁷ Este brasão fantástico foi pintado no vestíbulo. A coroa tem sete pérolas, em vez das nove.

²⁸ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 147–151.

²⁹ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 137–145.

³⁰ Estas figuras alegóricas do capitalismo foram adoptadas por uma burguesia ascendente, para solidificar o seu estatuto e posição social própria. MECO, José – *A Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand, 1985, p. 79.

³¹ Tem uma uma espada, um elmo e um cetro alado, este termina numa mão com o olho da providência. Esta representação parece ser, em parte, inspirada em Minerva, deusa romana das artes, do comércio e da sabedoria.

³² Esta figura é inspirada em Mercúrio, deus romano da venda, do lucro e do comércio. Tem umas sandálias aladas, um chapéu alado e um caduceu.

³³ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 129–135.

³⁴ O edifício foi desenhado no *Atlas da Carta Topographica de Lisboa*, na planta número 28, datada de Setembro de 1858. Era de formato quadrangular, com a fachada principal virada para o largo e ladeado por outros. Estes últimos mantiveram quase a mesma planta, enquanto o anterior foi alterado. A fachada manteve a mesma largura, mas as laterais passaram a fazer ângulo sendo paralelas aos edifícios circundantes. Ao longo da sua história o edifício foi sendo alterado, em particular os dois portões laterais foram alargados e tinham painéis em azulejo com jarrões ao gosto oriental; o embasamento era em azulejo; o frontão tinha dois pináculos, hoje pinhas, e no topo a deusa Minerva. Ver as fotografias pertencentes ao Arquivo Municipal de Lisboa do fotógrafo José Chaves Cruz (cota CRU000362) e da dupla José Candido d’Assumpção e Souza e Arthur Júlio Machado (cota FAN003507).

³⁵ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 121–125.

³⁶ DOMINGUES, Ana Margarida Portela – *A ornamentação cerâmica na arquitectura do Romantismo em Portugal*. Porto: [s.n.], 2009. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. I, pp. 299–300; QUEIROZ – Cervejaria Trindade / Trindade brewery, p. 89.

³⁷ Na primeira Exposição Universal que foi realizada, em Londres no ano de 1851, as formas inspiradas na Natureza foram uma novidade “(...) so rampant in nearly all classes in 1851” (tão desenfreado em 1851 em quase todas as peças.). VIRTUE, James S. – *The Art Journal Illustrated Catalogue of the International Exhibition 1862*. Londres: James S. Virtue, 1862, p. 111.

³⁸ Nomeadamente o gosto pela China e pelo Japão, após a abertura deste ao Ocidente. BANHAM, Joanna; MACDONALD, Sally; PORTER, Julia – *Victorian interior design*. Nova York: Crescent Books, 1991, p. 49.

³⁹ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 41–59.

⁴⁰ DOMINGUES, Ana Margarida Portela. A ornamentação cerâmica da Casa do Chão Verde. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho, coord. – *A Encomenda. O Artista. A Obra*, Porto: Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2010, pp. 41–43.

⁴¹ O nome desta propriedade é uma homenagem a Maria da Assunção Vieira, casada com o proprietário. O casamento da filha Maria José foi realizado na *Capella do Palácio da Senhora Dona Maria d’Assumpção Vieira Rego*, nesta *Villa de Bellas*.

⁴² STOOOP, Anne de – *Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa*. Barcelos: Civilização Editores, 1986, p. 209.

⁴³ STOOOP – *Quintas e Palácios*, pp. 205–206. SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 169–185.

⁴⁴ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 187–191.

⁴⁵ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 193–207.

⁴⁶ SAVORITI – *Azulejaria de Luís Ferreira*, pp. 209–219.

⁴⁷ BAPTISTA, António – *Album Açoriano*. Lisboa: Oliveira & Baptista, 1903, p. 421.

⁴⁸ STOOOP – *Quintas e Palácios*, pp. 128–131.

criando a impressão de que o jardim se prolonga para lá dos seus muros. Na fachada tardoz representou, no mesmo suporte, elementos arquitectónicos, árvores, fontes a jorrarem água, uma gruta e esculturas, mostrando cabalmente o poder da pintura em azulejo em simular outras realidades.

Na Quinta Nova da Assunção⁴¹, em Belas, e residência de veraneio do já mencionado José Maria da Silva Rego, o revestimento azulejar responde de forma inovadora “(...) à nova clientela mais burguesa, abandona[ndo] as descrições tantas vezes repetidas da vida aristocrática, em proveito de cenas mais populares e mais naturalistas”⁴². FIG. 8 No jardim, que aproveita o terreno inclinado através de bancos, escadas, muros e pavilhões, parcialmente revestidos a azulejo também atribuídos a Luís António Ferreira⁴³, o pintor desenvolve extensivamente o tema em torno da vegetação luxuriante, dos animais exóticos, do simbolismo e das *chinoise-ries*, entre outros. FIG. 9, 10, 11 e 12

Por fim, refira-se ainda, no contexto das obras atribuídas, os conjuntos azulejares que foram uma fonte da Calçada da Palma de Baixo⁴⁴ e um terraço na Rua das Flores⁴⁵, ambos em Lisboa e com uma forte componente ilusória, assim como uma *fachada em azulejos antigos estylo Luiz XVI*⁴⁶ na Quinta de São Mateus⁴⁷, no Dafundo, esta última com duas superfícies distintas, sugerindo jardins, um dos quais com referências setecentistas e neoclássicas⁴⁸.



FIG. 8\ Belas, Quinta Nova da Assunção, grupo masculino a merendar carnes frias e vinho. Fotografia do autor, 2018



FIG. 9\ Belas, Quinta Nova da Assunção, revestimento dos muros do jardim. Fotografia de Jorge Guerra Maio



FIG. 10\ Belas, Quinta Nova da Assunção, revestimento de um dos muros do jardim, entre o tanque e a escadaria nascente, a simular um jardim com vegetação e aves. Fotografia de Jorge Guerra Maio

⁴⁰ Natural da freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa, e filha de António Fernandes e de Joana Teresa.

⁵⁰ Maria Carlota do Pilar Reboredo * Lisboa, Santo André 04.11.1809 † Lisboa, São Paulo 21.02.1886 às 13h, filha de José Maria Reboredo * Lisboa, São Vicente de Fora e de Maria de Jesus da Silva * Bombarral, Roliça.

⁵¹ Os padrinhos foram Francisco António de Andrade e Ana Rita.

⁵² O padrinho foi o avô materno.

⁵³ Teve como padrinho o pintor Domingos António Mateus.

⁵⁴ O padrinho foi Justino José da Costa, solteiro, morador na Rua Nova do Carmo.

⁵⁵ Teve como padrinho Manuel Joaquim Cardoso.

⁵⁶ O padrinho foi João Droem (?).

⁵⁷ Teve como padrinho Joaquim António de Matos.

⁵⁸ O padrinho foi João Marcelino, morador na Rua de São Roque.

⁵⁹ O padrinho foi Francisco da Cunha, solteiro, morador em São Vicente

⁶⁰ Teve como padrinho João Correia, casado, morador no Beco dos Birbantes.

⁶¹ Os padrinhos foram Alfredo José de Almeida, morador em Almada, e D. Maria Luísa Nogueira, moradora na freguesia de São Nicolau.

⁶² Joaquim José Moreira * São Paulo c.1830, funileiro, viúvo de Rosalina Adelaide Brandão, filho de Bernardino José Moreira e de Maria Luísa.

⁶³ O padrinho foi D. António Francisco Lobo Almeida de Melo e Castro de Saldanha e Beja, 7.º Conde das Galveias, morador no Campo Pequeno, e madrinha D. Maria Luísa das Dores.

⁶⁴ Teve como padrinho José Germano Solezio.

⁶⁵ O casamento também foi registado na freguesia de São Paulo no dia 10 de Novembro do mesmo ano, uma das testemunhas foi João Simões de Almeida, comerciante e morador na Rua da Boa Vista n.º 26, tio dos escultores José Simões de Almeida Júnior e José Simões de Almeida Sobrinho.

⁶⁶ Amélia do Espírito Santo * Lisboa, Santa Catarina c.1853, filha de Patrício José de Sousa e de Maria de Jesus.

⁶⁷ O padrinho de batismo foi o escultor José Simões de Almeida Júnior e a madrinha foi Elisa das Dores de Sousa, ambos solteiros.

⁶⁸ Os padrinhos foram Hilário Zacarias Rodrigues, marítimo e solteiro, e Maria de Jesus de Sousa, solteira.

⁶⁹ Teve como padrinho José Alfredo.

⁷⁰ O padrinho foi José da Costa, carpinteiro, morador no Socorro. Apresentou requerimento à então *Real Academia das Bellas Artes*, no dia 16 de Março de 1865, para frequentar a *Aula de Desenho histórico como amador*. Conjuntamente e no mesmo dia entregou a certidão de batismo. Este pedido deu entrada a 27 do referido mês e ano no estabelecimento de ensino mencionado. No mesmo ano, no dia 29 de Setembro, pediu para ser matriculado na referida aula e o pedido foi aceite a 30 do mesmo mês. Esta documentação foi levantada a nosso pedido na secretaria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. No arquivo da *Biblioteca*, da mesma instituição, tivemos acesso aos livros de exames referentes aos anos de 1860 a 1868 e não encontramos o seu nome.

SINTESE FINAL

A documentação reunida ao longo de cerca de dois anos de trabalho permitiu propor uma nova biografia para o pintor Luís António Ferreira, fundamentada em diversas fontes documentais, as quais coincidem cronologicamente tanto com a obra assinada, como com a que lhe é atribuída em azulejo. O presente artigo assume-se, deste modo, como um importante ponto de partida para a reavaliação deste pintor, do qual apenas se conhecem duas obras assinadas (uma das quais ligada à Fábrica da Calçada do Monte), encontrando-se, todavia, muitas outras atribuídas. A análise das mesmas não cabe neste artigo, que procurou elencar apenas os principais revestimentos azulejares destacando algumas das características que os unem, caso da concepção específica para um determinado espaço/fachada ou da exploração da ilusão e do *trompe l'oeil* que emana de composições com um forte sentido decorativo. Esperamos que a partir daqui outros trabalhos possam surgir, e que ampliem o conhecimento sobre uma figura ímpar na história da arte em Portugal, cuja intemporalidade ainda hoje nos cativa pela sua qualidade inimitável.



FIG. 11\ Belas, Quinta Nova da Assunção, espaldar do banco exterior com *chinoiserie*s. Fotografia de Jorge Guerra Maio



FIG. 12\ Belas, Quinta Nova da Assunção, pormenor do espaldar do banco exterior com *chinoiserie*s, neste caso uma paisagem com edifícios. Fotografia do autor, 2018

ANEXO 1. LUÍS ANTÓNIO FERREIRA

Nas anotações o símbolo * significa nascimento e † morte, seguidos da sede de concelho e freguesia.

- José Ferreira da Silva. Casou com Domingas da Silva, filho:
- Francisco Ferreira da Silva * Braga, São Pedro de Este (?) (sargento de brigada). Casou em Lisboa, freguesia de Santos-o-Velho, a 17 de Agosto de 1793, com Teresa de Jesus Iria⁴⁹, filho:
- Luís António Ferreira da Silva * Lisboa, Santa Engrácia 03.06.1806 bp 15.06.1806 † Lisboa, São Paulo 28.04.1873 à 1:30h na Rua da Boa Vista n.º 20 1.º andar (*Luiz Ferreira das Taboetas*, pintor). Casou Lisboa, Anjos 05.11.1827 com Maria Carlota do Pilar Reboredo⁵⁰, filhos:
- Joana * Lisboa, Socorro 24.06.1828⁵¹
- Emília Carlota Ferreira * Socorro 11.07.1829⁵²
- Domingas * Socorro 13.07.1830⁵³
- Maria * Lisboa, Pena 07.12.1831⁵⁴
- Luísa Amélia Ferreira * Lisboa, São José 25.09.1834⁵⁵ † Lisboa, Alcântara 16.01.1904
- Luís Carlos Ferreira * São José 17.04.1836⁵⁶ † Lisboa, Coração de Jesus 26.08.1848
- Augusto * São José 30.10.1837⁵⁷
- Júlio Ferreira * Pena 21.08.1840⁵⁸ † Pena 09.08.1841 (gastroenterite)
- Carolina do Nascimento Ferreira * Pena 24.12.1841⁵⁹
- Maria Adelaide da Assunção Ferreira * Pena 14.05.1843⁶⁰ † Pena 27.09.1843
- Júlia Carlota Ferreira * Pena 16.04.1845⁶¹. Casou São Paulo 30.12.1871 com Joaquim José Moreira⁶²
- António Maria Ferreira * Pena 24.12.1846⁶³ † São José 23.09.1848
- Carlos Solécio ou Selécio Ferreira * São José 07.11.1848⁶⁴ (caixeiro). Casou Lisboa, Santa Casa da Misericórdia 02.09.1876⁶⁵ com Amélia do Espírito Santo⁶⁶, filhos:
- Carlos * São Paulo 27.11.1876 † Fundão 20.12.1945⁶⁷
- José * São Paulo 25.10.1878⁶⁸
- José Cândido da Silva * São José 22.04.1850⁶⁹ † São José 20.08.1851
- Guilherme Olímpio Ferreira * São José 26.07.1851⁷⁰ † Lisboa, Santa Catarina 17.04.1868 (pintor)

ANEXO 2. ANTÓNIO DA COSTA LAMEGO

- Francisco da Costa. Casou com Isabel de Araújo, filho:
- Manuel José da Costa de Araújo. Casou com Joaquina Máxima (filha de Manuel da Fonseca Pestana e de Ana Maria), filho:
- António da Costa Lamego * Lamego, Almacave 05.01.1818 † Lisboa, Anjos 23.08.1876. Casou Anjos 18.07.1846 com Margarida Rosa * Anjos 14.04.1823 (filha de José Gomes Gerválho e de Ana Maria), filhos:
- Maria da Glória da Costa Lamego * Anjos 26.05.1847 † Anjos 16.12.1867
- Maria dos Prazeres da Costa Lamego * Anjos 02.04.1849
- Maria Agostinha da Costa Lamego * Anjos 28.09.1850. Casou duas vezes: 1.º Anjos 26.06.1869 com Eduardo Xavier Palmeiro; 2.º com João Garcia Gerpe
- Maria da Costa Lamego * Anjos 10.03.1853 † Anjos 03.06.1950
- António da Costa Lamego * Anjos 29.04.1855. Casou Anjos 19.05.1882 com Palmira dos Anjos
- Maria dos Remédios da Costa Lamego * Anjos 18.09.1857 † Lisboa, Pena 21.08.1891. Casou duas vezes: 1.º Lisboa, São Jorge de Arroios 20.07.1876 com João Varela Farinha; 2.º Anjos com José Justino Teixeira Botelho